

## **QUANDO CANTO É REZA: IDENTIDADE E ASSOCIATIVISMO RECREATIVO ENTRE OS OPERÁRIOS DA GÁVEA (1896-1906)**

**Aluna: Mariana Barbosa**

**Orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira**

### **Introdução**

Entre o final do século XIX e os cinco anos iniciais do século XX, a cidade do Rio de Janeiro testemunhou o surgimento de dezenas de clubes carnavalescos, espalhados por todos os bairros da cidade. Era o caso, em especial, da Gávea – no qual foram criados grêmios como o Clube Chuveiro de Ouro, o Clube Flôr da Gávea e o Flôr dos Amantes da Gávea. Verificava-se assim, no bairro, o incremento de um associativismo recreativo cuja força específica parece se ligar às suas peculiaridades naquele momento. Em 1884 foi inaugurada no até então distante arrabalde a fábrica de tecelagem Carioca, investimento da Companhia de Fiação e Tecelagem Carioca. Em 1889, em local próximo da fábrica Carioca, foi inaugurada no Jardim Botânico a Fábrica de Tecidos Corcovado pela Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado. A partir de então, a região passaria a ser progressivamente ocupada pelos operários das duas fábricas, congregando trabalhadores de baixa renda de diferentes origens – o que permite que caracterizemos a Gávea como um bairro operário.

Foi em meio a tal processo que os trabalhadores trataram de construir seus próprios espaços de sociabilidade, formados nas proximidades de seus ambientes de trabalho e moradia. Os clubes recreativos eram assim uma de suas opções de lazer, dando forma a um amplo movimento associativo na região.

### **Objetivo**

O objetivo desta investigação é o de refletir sobre a relação entre o associativismo promovido pelos clubes recreativos da região da Gávea e a organização de classe operária no bairro, identificando a lógica de associação dos operários - em especial no período de surgimento dos clubes e da proliferação dos mesmos.

### **Metodologia**

O desenvolvimento do trabalho baseou-se, de modo especial, na documentação policial guardada pelo Arquivo Nacional. Nesse período, cabia à polícia acompanhar as atividades dos clubes, com fins de controlar tais manifestações. Para obterem o direito de se associar, os membros destes clubes deveriam pedir uma licença anual, além de se submeterem a um processo de investigação feito pelo chefe de polícia. Era o caso do Flôr dos Amantes da Gávea, que em 1906 enviou seu pedido de licença e estatutos à polícia. O acompanhamento do cotidiano destes clubes através do controle sobre eles exercido pela polícia se constituiu, assim, em um caminho possível de observação sobre o sentido atribuído pelos operários que compunham tais clubes.

É o que mostra, no caso citado, uma atividade específica prevista no estatuto: a homenagem prestada aos companheiros mortos no dia 2 de novembro e no enterro de seus sócios. A solidariedade entre os trabalhadores, expressa no artigo do estatuto do Flôr dos Amantes da Gávea, indica como tal preocupação ganhava importância no cotidiano dos trabalhadores. Devido às péssimas condições de vida e trabalho dos operários, que potencializa a possibilidade de acidentes no trabalho ou o contágio de doenças, o falecimento dos operários era constante. É o que se nota, por exemplo, no noticiário de um jornal militante chamado Gazeta Operária, que se encontra no acervo de periódicos da Biblioteca Nacional. O

jornal tinha uma coluna fixa chamada “Notas Fúnebres”, que noticiava o falecimento de operários da Capital Federal, entre eles, os trabalhadores da Gávea. Desta forma, os eventos fúnebres tinham uma importância de grandes proporções no cotidiano dos trabalhadores, assim como suas atividades de lazer.

Ao permitir que nos aproximemos das práticas cotidianas desses trabalhadores, tais fontes nos permitem pensar a formação cultural e histórica da classe operária na Gávea ao longo da Primeira República de forma singular. É através das relações sociais testemunhadas nesses documentos que tentaremos trazer novas questões e problemas ao debate sobre o processo de formação da classe trabalhadora carioca. Afinal, essas formas de sociabilidade foram objeto de pouca reflexão pela historiografia que trata sobre questões referentes ao mundo do trabalho. Para Claudio Batalha, por exemplo, as manifestações dançantes não faziam parte daquilo que entende por cultura de classe, e sim daquilo que ele chama de “cultura popular”. O objetivo de tais clubes era o lazer, por isso, não apresentavam formas claras de solidariedade de classe ou enfrentamento. Para ele, seria somente através de formas de resistência e solidariedade mais transparentes que poderiam ser buscadas as explicações para o processo de formação de uma identidade de classe – em visão que exclui o associativismo recreativo, visto como questão de menor importância. Em sentido contrário, Leonardo Pereira procura demonstrar que associações carnavalescas como a Flor da União, de Bangu, se constituíram num espaço privilegiado de sociabilidade, onde os trabalhadores puderam afirmar sua identidade através de práticas e costumes que expressavam suas tradições. Sendo este tipo de organização formada pela iniciativa dos próprios trabalhadores da Fábrica Bangu, sua solidariedade era exercida pela via mutual, mas também havia outras formas de solidariedade de caráter mais simbólico. É seguindo este caminho de investigação que me proponho a analisar os clubes do bairro da Gávea.

### **Conclusão**

A prática ritual do enterro se afirmava entre os operários como uma possibilidade de expressar suas visões de mundo. O sentido religioso atribuído a tal manifestação poderia ser diferente para os mesmos, pois a composição étnica, nacional, religiosa dos trabalhadores do bairro era bastante diversificada. Entretanto, o que fazia com que boa parte desses trabalhadores se identificassem era exatamente o caráter religioso da manifestação, que acabava por inventar costumes em comum, em que sua experiência social significava de forma específica essa prática cultural. O clube recreativo Flôr dos Amantes da Gávea se constitui, por isso, em um espaço de construção da identidade dos operários do bairro da Gávea, na medida em que construía e afirmava as tradições e costumes compartilhados por muitos desses trabalhadores.

### **Referências**

1- BATALHA, Claudio. “Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira república” In: **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

2- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “A Flor da União: Festa e Identidade nos Clubes Carnavalescos do Rio de Janeiro (1889-1922)” In: **Terceira Margem. Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura**. N.14, Rio de Janeiro, 2006.